

**Participe deste Fórum com seus comentários e trabalhos que possam ser incluídos no nosso “site” ([www.ccseaerj.org.br](http://www.ccseaerj.org.br)), na página correspondente a **PARTICIPE**. Sua participação é importante para o fortalecimento do Centro Cultural e nos ajudará a fazer um trabalho melhor.**

**Os comentários aqui feitos são de minha inteira responsabilidade e não representam a opinião do Centro Cultural da SEAERJ.**

Durante as Reuniões do nosso Conselho Consultivo, os nossos colegas Fernando Botafogo e Walter Pinto Costa têm dado bastante ênfase à necessidade de caráter mais prático na formação profissional dos engenheiros pelas escolas de engenharia, que têm privilegiado muita teoria em detrimento às suas aplicações práticas.

Por isso mesmo é muito oportuno o artigo publicado na Revista Veja, de 6 de outubro do corrente, “Ideias Inertes”, de autoria do articulista Claudio de Moura Castro, na página 26, do qual extraio o seguinte comentário:

*...“Era estudante de engenharia de produção na França e estava em um programa de intercâmbio com a Universidade Federal de Minas Gerais, na mesma área. Quis logo saber que diferenças encontrara entre o ensino em duas escolas prestigiosas. Segundo ele na École Ponts et Chaussées aprendia a teoria e, em seguida, a aplicava. Na UFMG, aprendia a teoria e, como essa não era aplicada, a única coisa a fazer era decorar”...*

Realmente é importante nos fixarmos nesse ponto, porque o que se estuda nos cursos ministrados, em geral, se passa algo semelhante. O que se vê nas aulas muito pouco se relaciona ao mundo ao redor. Formam-se mestres e doutores cuja teoria se distancia da realidade e dá margem a inúmeras experiências que “não dão certo”.

Recordo-me que, há alguns anos, em conversa com um vice-presidente da China Steel, de Taiwan, ele comentou que não entendia porque o governo brasileiro, no ano 1975, havia iniciado a construção da AçoMinas produzindo lingotes quando a tecnologia utilizada pelos japoneses, coreanos e chineses de Taiwan, responsáveis, na ocasião, pelos processos mais eficientes de produção de aço, era a do lingotamento contínuo. Talvez esta tenha sido uma das razões que a AçoMinas tenha levado quase 15 anos para iniciar a produção de aço e só apresenta estabilidade financeira a partir do meado dos anos 90, quando passou para outro dono.

Talvez pelo preciosismo teórico, algumas intervenções programadas pelos governos municipal, estadual ou federal muitas vezes parecem, simplesmente, ser ideias desprovidas de estudos acadêmicos sem uma base prática mais relevante e um planejamento mais pé no chão.

Há necessidade de que não seja dada tanta ênfase à formação de mestres e doutores, mas à formação de engenheiros com seu significado mais amplo, onde projetos sejam melhor elaborados, permitindo orçamentos realistas e respeitados, não exigindo alterações tão grandes, quando o custo final do empreendimento chega a atingir o quádruplo ou até mais do orçamento inicial.

Até onde nós, do Centro Cultural, podemos ser ouvidos para que não caminhemos no Rumo da Insensatez?

É uma boa pergunta, mas não devemos nos abater pela falta de ressonância de nossas considerações. Certamente através de nossos filhos e netos possamos fazer chegar aos professores universitários, aos dirigentes encarregados de produzir editais de licitação, que não basta exigir a presença de mestres e doutores mas, acima de tudo, que sejam exigidos engenheiros com prática e experiência na execução dos projetos.

A engenharia pública (abrangendo arquitetos, geólogos, agrônomos, etc.) depende do comprometimento de seus componentes com a coisa pública e não pode nem deve ficar subordinada a projetos conduzidos por terceiros. Deve sim, gerir e fiscalizar os empreendimentos e, para isso, a educação permanente e atualização devem fazer parte de seus currículos através de incentivos à especialização e ao aprimoramento profissional.

Insisto no tema que temos sempre repetido: Planejamento e Gerenciamento são atividades de que os governos não podem abrir mão; devem ser de competência exclusiva de servidores comprometidos com o serviço público e "uma ideia brilhante" não pode ser imediatamente traduzida em licitação, simplesmente em cima de um projeto básico que não seja apenas um projeto preliminar a ser desenvolvido no decorrer da obra.

**Ronald Young**